

BEIRA DO RIO

EDIÇÃO ESPECIAL - MEMÓRIA E CONFLITO

UFPA • ANO XXXIII • N. 2 • ABRIL E MAIO • 2019



Altamiro Ricardo da Silva, Amâncio dos Santos Silva, Abílio Alves Rabelo, Antônio Costa Dias, Antônio Alves da Cruz, Antônio(irmão), Graciano Olímpio de Souza, Joaquim Pereira Veras, José Alves da Silva, José Ribamar Alves de Souza, Lourival da Costa Santana, Leonardo Batista de Almeida, Manoel Gomes de Souza, Raimundo Lopes Pereira, Robson Vitor Sobrinho, Oziel Alves Pereira, Valdemir Ferreira da Silva, João Rodrigues Araújo e João Carneiro da Silva. Presentes!

Aos Leitores

Desigualdades e Violações de Direitos Humanos na Amazônia Brasileira

Quando chega abril, o coração dos militantes do Movimento Sem-Terra, conhecido como MST, sangra em memória dos mortos e das vítimas que sobreviveram ao chamado Massacre de Eldorado dos Carajás. Afinal, dia 17 de abril de qualquer ano, após 1996, é tempo de relembrar as perdas irreparáveis e de homenagear os/as companheiros/as que, ao lutarem por terra para lavar, tiveram os Direitos Humanos violados, pois o Estado ordenou o avanço das tropas, que, no fatídico dia, silenciaram os presentes ao ato, deixando marcas indeléveis nos corpos e nas mentes dos Sem-Terra. Foi um escândalo internacional.

O *Massacre de Eldorado dos Carajás* é a segunda comunicação da série de edições especiais, disponíveis de forma *on-line* e impressa, preparada pelas/os pesquisadoras/es do Projeto *Desigualdades, Violências e Violações de Direitos Humanos na Amazônia Brasileira*. A proposta tem apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (Capes), via Edital Nº. 12/2015 - *Memórias Brasileiras - Conflitos Sociais*, e é coordenada pelas professoras Jane Felipe Beltrão (UFPA) e Paula Mendes Lacerda (UERJ).

A ideia é que o material apoie a formação continuada direcionada a professoras e a professores, as/os quais poderão incentivar cotidianamente os estudantes de ensino médio nas escolas a formularem e a registrarem as memórias e as histórias que vivenciam ou que foram vivenciadas por parentes e vizinhos. Afinal, memórias e histórias contemplam a diversidade e a especificidade da Amazônia.

Jane Felipe Beltrão (UFPA)



Massacre de Eldorado dos Carajás

Origem do Massacre

O Massacre de Eldorado dos Carajás está relacionado à luta dos trabalhadores Sem-Terra pela desapropriação da Fazenda Rio Branco, no município de Parauapebas, e da Fazenda Macaxeira, em Curionópolis, ambas no sudeste do Pará.

Os municípios estão situados em área considerada “de fronteira”, marcada por conflitos e disputas, a qual conta com grande movimentação de migrantes em busca de terra, trabalho e ouro, entre tantos outros “atrativos”. A região é marcada pela ocupação de terras da União por latifundiários que lá se estabeleceram sem respeitar os territórios indígenas e/ou quilombolas, afora desconsiderarem os posseiros e Sem-Terra. Cenário da Guerrilha do Araguaia nos Anos de Chumbo da ditadura militar brasileira, a região sempre foi tratada como Área de Segurança Nacional. Assim as marcas do tacão das botas militares não desapareceram e qualquer movimento desencadeia repressão.

A demora nos processos de desapropriação das fazendas Rio Branco e Macaxeira motivou a Marcha por Justiça, Terra e Trabalho, que partiu no dia 10 de abril de 1996 em direção ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em Marabá, na tentativa de solucionar o impasse.

A marcha era composta por cerca de 2.000 pessoas, organizadas em 28 grupos, constituídos, em média, por 80 pessoas, contando com líder e vice-líder. Segundo Josimar Pereira de Freitas, uma das vítimas do massacre, em depoimento a Brelaz (2006), “eram homens, mulheres, algumas gestantes, crianças, idosos, pessoas doentes e deficientes.” A orientação aos caminhantes era oferecida pelas lideranças da marcha, que se revezavam no alto de um carro de som. Com os impasses das negociações, os caminhantes ocuparam a estrada, ação fatalmente interrompida na “Curva do S”, em Eldorado dos Carajás, km 96 da Rodovia PA-150.

Clamar por justiça na Curva do “S”

Todos os anos, uma semana antes do dia 17 de abril, os manifestantes chegam ao local e, em mutirão, levantam o acampamento que a todos abriga. Camponeses e seus parceiros, vindos de perto e de longe, chegam para montar a estrutura do acampamento. Aos poucos, as pessoas se incorporam às equipes de trabalho e partem para a ação.

Ano passado (2018), um grupo se responsabilizou pela coleta de folhas de palmeira, para a confecção dos alojamentos; um segundo grupo foi destacado para a construção da cozinha; o terceiro encarregou-se da construção dos banheiros e da caixa d’água e, finalmente, o quarto grupo foi designado para produzir a revitalização do monumento aos Mártires do massacre. Limpar e preparar o monumento talvez seja a tarefa mais difícil, maior que carregar as pernas mancadas que servem de esteio à cozinha que centraliza a produção e a distribuição de alimentos aos manifestantes acampados.

O tempo e o descaso

Talvez, alguém pense que é muito trabalho e gasto de energia! Mas, ao olhar as pessoas trabalhando, você percebe quanto é importante “esculpir” a memória de um evento que ainda produz sangue. No acampamento, muitos presenciaram o massacre, como dona Maria, que é ativa na cozinha, e Pedrão, filho e neto de pessoas massacradas. É impressionante!

Observando a movimentação, um vai e vem organizado, é possível entender o objetivo: alcançar o bem coletivo, consolidando a estrutura do espaço, que permite a reunião dos Sem-Terra. O trabalho, a organização e os recursos pertencem aos Sem-Terra, pois, segundo a voz corrente, “o município de Eldorado decretou, nos últimos anos, quatro vezes estado de calamidade pública. O fato parece ser uma estratégia de desvio de recursos públicos e justificativa para negar apoio às homenagens de todos os anos”. Os 19 mortos, os 72 mutilados e as dezenas de órfãos que sobreviveram à tragédia merecem respeito, além de serem filhos da terra.

Você sabe o que é um massacre?

SABE POR QUE ELDORADO DOS CARAJÁS É CHAMADO MASSACRE?

Reflexão: Na Curva do “S”, localizada no município de Eldorado dos Carajás, no Pará – Brasil, dia 17 de abril de 1996, agricultores (homens e mulheres) Sem-Terra reivindicavam direitos e, durante sua caminhada, foram mortos pela repressão policial, como se animais fossem. As mortes foram provocadas com crueldade e atingiram um grande número de pessoas. Foi um assassinato em massa, uma chacina. As pessoas foram mortas sem a menor chance de defesa. Algumas fingiram estar mortas para escapar da carnificina. Um fato como Eldorado deixa as marcas da crueldade impressas nos corpos e nas mentes das pessoas por gerações. O fato abalou o mundo e, até hoje, é parte das preocupações cotidianas dos Sem-Terra.

Memorial ao Massacre dos Sem Terra

Contemplando o Memorial em homenagem aos mártires do Massacre, é possível ter a dimensão do acontecido. O monumento é simples, mas significativo. É composto por troncos de castanheiras queimadas, fincados ao solo, com uma árvore ao centro. Ao redor dessa árvore, cultivou-se um jardim em forma circular. À frente da árvore, foi colocado um totem, escultura feita com madeira de castanheira, que possui afixada uma placa com o nome de cada um dos 19 mártires. Ao redor do totem, pedras pintadas em vermelho (cor de sangue), que representam os 72 mutilados. A informação foi oferecida por participantes do evento, em 2018, enquanto plantavam flores, repintavam as pedras e a árvore, e limpavam a placa do monumento.

É importante pensar que as castanheiras são árvores protegidas, seu corte é vedado pela legislação, mas é comum vê-las queimadas pela ação do desmatamento no sul e sudeste do Pará. A castanheira é uma árvore de envergadura e, como todas as árvores, morre em pé, como afirma Dom Pedro Casaldália, da mesma maneira que os mártires mortos no massacre. As pedras são fortaleza e indicam que, mesmo mutilados, os sobreviventes de Eldorado resistem. E resistir na luta é preciso!

Há, no local, uma Casa da Memória. O local parece imprimir muita força aos visitantes, afinal, foi construído no lugar que correspondia à Capela que abrigou mulheres e crianças no momento do massacre. Foi onde a repórter da TV Liberal se abrigou e de onde filmou o desespero do confronto, vídeo que provocou a repercussão do ocorrido dentro e fora do Brasil. O mundo assistiu às atrocidades em tempo real.



Dificuldades e Resistência

O terreno utilizado durante as manifestações, até hoje, não pertence ao MST, são terras de particulares. A senhora das terras não fica satisfeita com a ocupação, mas, com negociação, acaba permitindo a construção de banheiros e caixa d'água. O ideal seria construir estruturas de alvenaria, pois estas ajudariam a consolidar a presença do MST neste espaço de memória e homenagem. A conquista do terreno a longo prazo pode trazer resultados positivos para a organização do MST. Afinal, os que têm terra possuem praças que homenageiam seus mortos, possuem cemitérios para “chorar” seus mortos. Então se pergunta: por que não permitir a homenagem aos Mártires da Curva do “S”?

As regras do acampamento

Engana-se quem pensa no acampamento como espaço sem normas. As regras de convivência são decididas em conjunto, em assembleia. Assim sendo, acertam que o toque de silêncio, no acampamento, ocorre às 23 horas, e o toque de dormir ocorre à meia-noite. As regras são necessárias para o bom convívio e para a possibilidade de continuar a luta, pois esta exige trabalho e descanso das pessoas.

Quando o sol se põe, como no local não há luz elétrica, trabalha-se à luz de velas. Não há sinal de telefone e ninguém pode fazer contato para fora do acampamento. Não poder entrar em contato com os demais gera certo desconforto, especialmente se acontecerem imprevistos ou, quem sabe, violências e ciladas que atentem contra o povo que luta.

A alvorada ocorre às 6h, quando o sol ainda é tímido. O acampamento é o lugar que possui mais “pessoas trabalhadoras motivadas” por metro quadrado, como dizem os observadores. No acampamento, os grupos se organizam para o desenvolvimento de tarefas coletivas, mas, ao criarem maior integração entre os participantes, ensinam pela experiência a organicidade do movimento aos novos militantes.

GENTE DE LUTA

É preciso cantar *Gente Humilde*, música de Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto, com letra de Vinícius de Moraes e Chico Buarque. Alguns versos são adequados à reflexão:

*Tem certos dias /
Em que eu penso em minha gente /
E sinto assim /
Todo o meu peito se apertar.*

É nossa sensação ao examinar os fatos referentes a Eldorado. Continuando o sentimento que nos invade, é dito:

*E aí me dá /
Como uma inveja dessa gente /
Que vai em frente /
Sem nem ter com quem contar.*

E, olhando o horizonte, pensamos que as moradias das gentes que se deslocam na Curva do “S”

*São casas simples /
Com cadeiras na calçada /
E na fachada /
Escrito em cima que é um lar.*

E, como na canção, colocam

*Pela varanda [no caso no monumento] /
Flores tristes e baldias /
Como a alegria /
Que não tem onde encostar*

Insistindo em homenagear seus mártires em paz!

Como cidadão e cidadã que somos, tomados pela tristeza das injustiças sociais, repetimos como o cantor:

*E aí me dá uma tristeza /No meu peito /
Feito um despeito / De eu não ter como lutar /
E eu que não creio /
Peço a Deus por minha gente /
É gente humilde /Que vontade de chorar ...*

.....
Talvez nossa tarefa seja aprender a lutar por direitos com os Sem-Terra, que continuam a lutar e a lembrar dos seus mortos, na esperança de mudar o Brasil.



Para além da memória

No acampamento, as decisões são coletivas, as pautas relativas aos direitos tomam conta da movimentação nas assembleias que definem as ações dos participantes e nos debates sobre a conjuntura mundial e nacional.

As decisões são difíceis, pois nada causa mais horror à suposta “ordem” e ao denominado “progresso” que mulheres e homens conscientes. Um dia de luta ensina muito mais que vários anos de estudos. Ajudar a libertar consciências bate de frente com o espectro de atuação da elite brasileira, que tem como objetivo controlar as consciências das pessoas e do povo brasileiro.

Segundo se debateu na oportunidade, a crise do Capital abre a possibilidade de nos compreendermos como a classe trabalhadora pensante. Colocar a classe trabalhadora em movimento é lutar para recuperar a unidade perdida. Isso é tarefa Central. Pensar: qual o papel do Estado nesse momento? Qual projeto as elites estão reforçando?

O Estado funciona para manter a lei e a ordem, que se afastam cada vez mais dos interesses da classe trabalhadora, uma vez que não nos contemplam. Devemos pensar em novas leis e em uma nova ordem, uma ordem na qual todos os trabalhadores tenham a possibilidade de desenvolver sua própria consciência como sujeitos de direitos e dignos cidadãos.

DEPOIMENTOS

*“Do dia, eu lembro pouco. Quando começou o tiroteio, eu estava para a casa da vizinha, quando vi a polícia vindo. Eu avisei, mas eles não acreditaram. Eu falei para subirem para ver, eles subiram e viram, e assim acreditaram. Eu falei para as mulheres correrem que, naquele momento, a polícia ia fechar a moita, a gente tinha que correr com as crianças. Elas falaram que eu estava muito nervosa, que eu tinha que ir para casa. Eu disse vou para casa, mas eu estou pedindo para vocês correrem, enquanto é tempo”.
(O dia do massacre)*

“Não vi os mortos, sei que morreu muita gente. (...) eu vi muito miolo, muito sangue, não vi os corpos. Eu também estava ouvindo aquela zuada dos feridos, deles morrendo, gritando ... até a voz abaixar. Aquelas lá, eu sei que morreram (...) Eu vi muito miolo e sangue, mas não vi nem um morto.” (Os/as massacrados/as)

“A minha casa ficou toda fatiada de bala. A polícia atirou contra a minha casa, que não tinha nada a ver. Acho que atirou na casa para saber se tinha muita gente dentro para correr. Depois disso, eu não quis ficar lá. A gente deu um jeito de construir outra casa.” (O campo arrasado)

Hino do MST

Letra: Ademar Bogo

Música: Willy C. de Oliveira

Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Vem, lutemos
punho erguido
Nossa força nos faz a edificar
Nossa pátria
livre e forte
construída pelo poder popular

Braço erguido ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Vem, lutemos
punho erguido
Nossa força nos faz a edificar
Nossa pátria
livre e forte
construída pelo poder popular

Nossa força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária e camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

Vem, lutemos
punho erguido
Nossa força nos faz a edificar
Nossa pátria
livre e forte
construída pelo poder popular



Advertência:

Liberdade, democracia e respeito à diversidade são as regras para a possibilidade do “bem viver” com dignidade.

SOBRE MASSACRES, PROCURE:

Carandiru, em São Paulo, quando mais de 100 pessoas sob a custódia do Estado foram assassinadas.

Vigário Geral, no Rio de Janeiro, cujo resultado foi a morte de 21 moradores por parte de homens encapuzados e armados, todos eles policiais.

SOBRE O MASSACRE DE ELDORADO DOS CARAJÁS, LEIA:

BRELAZ, Walmir Moura. 2006. *Os sobreviventes do Massacre de Eldorado dos Carajás – um caso de violação do princípio da dignidade da pessoa humana*. Belém: s/e.

LACERDA, Paula Mendes & BELTRÃO, Jane Felipe. 2014. “O calvário dos injustiçados: práticas da administração pública brasileira em casos de violência extrema e desigualdade” In Lacerda, Paula Mendes (org.). *Mobilização social na Amazônia – a luta por justiça e por educação*. Rio de Janeiro: E-papers, pp. 233-266. Disponível em: <http://laced.etc.br/site/arquivos/Mobilizacao.pdf>.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Assessoria de Comunicação Institucional - ASCOM/UFPA
JORNAL BEIRA DO RIO - cientificoscom@ufpa.br
Cidade Universitária Prof. José da Silveira Netto
Rua Augusto Corrêa n. 1 - Prédio da Reitoria - Térreo
CEP: 66075-110 - Guamá - Belém - Pará
Tel. (91) 3201-8036
www.ufpa.br

Projeto Desigualdades, Violências e Violações de Direitos Humanos na Amazônia Brasileira. Texto: Jane Felipe Beltrão e Vinícius da Silva Machado; Fotografias: Vinícius Machado. Este conteúdo é preparado pelas/os pesquisadoras/es do Projeto Desigualdades, Violências e Violações de Direitos Humanos na Amazônia Brasileira, apoiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (Capes), via Edital No. 12/2015 - Memórias Brasileiras - Conflitos Sociais.

Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho; Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva; Secretário-Geral do Gabinete: Marcelo Galvão; Pró-Reitor de Ensino de Graduação: Edmar Tavares da Costa; Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Maria Iracilda da Cunha Sampaio; Pró-Reitor de Extensão: Nelson José de Souza Jr.; Pró-Reitora de Relações Internacionais: Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira; Pró-Reitor de Administração: João Cauby de Almeida Jr.; Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional: Raquel Trindade Borges; Pró-Reitor de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal: Raimundo da Costa Almeida; Prefeito Multicampi: Eliomar Azevedo do Carmo. Assessoria de Comunicação Institucional - ASCOM/UFPA. Direção: Prof. Luiz Cezar Silva dos Santos. JORNAL BEIRA DO RIO. Edição: Rosyane Rodrigues (2.386-DRT/PE); Ilustração da capa: Dayanne Lobo e Gisele Silveira; Projeto Beira On-line: TI/ASCOM; Atualização Beira On-Line: Rafaela André; Revisão: José dos Anjos Oliveira e Júlia Lopes; Projeto gráfico e diagramação: Rafaela André; Marca gráfica: Coordenadoria de Marketing e Propaganda CMP/Ascom; Impressão: Gráfica UFPA; Tiragem: Mil exemplares. © UFPA, Abril e Maio, 2019.